

Nietzsche e a guerra Franco-Prussiana

Dr. João Eduardo Navachi da Silveira²⁴

Resumo

Na primeira de uma série de quatro considerações intempestivas, o jovem filósofo Friedrich Nietzsche nos apresenta o estado de falsificação cultural que caracterizaria a Alemanha após a unificação política e vitória na batalha Franco-Prussiana. Se os formadores de opinião alemães difundiam a ideia de que atrelada à unificação política estaria a emergência de uma *cultura autêntica [productive Kultur]*, o filósofo intempestivo, em combate ao espírito da época, afirmava que a vitória política representava, em verdade, a derrota da cultura. E, como procuraremos demonstrar no decorrer do presente artigo, não uma derrota para a França, mas uma derrota para uma falsa concepção de cultura que se erigia através da consolidação do Império-burguês-alemão.

Palavras-chave: Nietzsche – Guerra - Cultura – Alemanha – França

Abstract

In the first, of a series of four untimely meditations, the young philosopher Friedrich Nietzsche introduce us at the status of cultural falsification wich would characterize Germany after the political unification and victory in the Franco-Prussian battle. If the German thinkers spread the idea that linked to political unification would be the emergency of an *authentic culture [productive kultur]*, the untimely philosopher, in combat to the spirit of the time, affirmed that the political victory represented, forsooth, the defeat of culture. And, as we will try to show throughout the article, not a defeat for France, but a defeat for a false conception of culture that rose through consolidation of the German bourgeois Empire.

Keywords: Nietzsche – War – Culture – German – France

Em *David Strauss: El confesor y El escritor*²⁵ (1873), primeira de uma série de quatro considerações intempestivas, o jovem filósofo Friedrich Nietzsche salienta o

²⁴ Professor no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS – Campus Caxias do Sul). Doutor em Filosofia (PPGF-UFRJ). Pós-doutorando em Filosofia (PPGF-UFRJ) - Email: jenavachi@gmail.com

estado de falsificação cultural que, mesmo após a unificação territorial política, caracterizaria a Alemanha da segunda metade do século XIX. Se existia naquele momento de pós-guerra²⁶ e recém-unificação alemã a difusão da ideia de que atrelada à unificação do Estado alemão estaria a emergência de uma *cultura autêntica* [*productive Kultur*], Nietzsche, ao redigir a *Primeira consideração intempestiva*, procura demonstrar o equívoco contido nesta afirmação, salientando o estado de *barbárie* [*Barbarei*] que, mesmo após a vitória bélica e unificação política, caracterizaria a suposta “cultura” alemã da década de setenta do século oitocentista.²⁷

Apoiando-se na vitória conquistada no campo bélico, os alemães, adequados ao espírito da época, estariam elogiando e jogando louros em uma “cultura” enfraquecida que, segundo Nietzsche, nada possuiria de vitoriosa. Para o filósofo, a criação de um Estado nacional não seria suficiente para fundar uma verdadeira cultura. Ao contrário disso, se os contornos territoriais tivessem se estabelecido a partir de interesses estritamente econômicos, políticos e materiais, a vitória no campo político desencadearia uma “derrota ainda mais grave”²⁸, a saber, a derrota da *cultura* [*Kultur*] alemã. Por mais que o Estado recém-unificado tivesse estabelecido os contornos territoriais à nação, faltaria aos alemães o cuidado com o elemento essencial e originário de toda autêntica cultura, a saber, o cuidado com o *espírito alemão* [*deutschen Geistes*].²⁹ Acerca da presença de um “ilusionismo perigoso” contido no interior do

²⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. Ed. Cast. Alianza Editorial. Madrid. 2006. Tradução de Andrés Sánchez Pascual. Tradução para o português de nossa autoria. (Consultamos ainda a tradução italiana: NIETZSCHE, Friedrich. *Considerazioni inattuali. David Strauss. L'uomo di fede e lo scrittore*. Prima edizione. 1997. Ed. Grandi Tascabili Economici Newton. Traduzione Mirela Ulivieri, bem como a tradução brasileira: NIETZSCHE. *Coleção Os pensadores XXXIII*. Editora Abril Cultural. 1974. Tradução De Rubens Rodrigues Torres Filhos. Além disso, sempre que uma palavra ou conceito ensejou dúvidas, recorreu-se diretamente ao texto original em alemão, publicado em *Kritische Studienausgabe* (KSA) e editada por Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Vol I, p. 157 – 242).

²⁶ Trata-se da guerra franco-prussiana travada entre a ainda não unificada Alemanha e a França entre 1870 e 1871 da qual a Alemanha sairia vitoriosa.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. § 1, p. 28.

²⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. § 1, p. 27.

²⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. § 1, p. 28. A expressão *espírito alemão* [*deutschen Geistes*] aparece por diversas vezes nas obras de Nietzsche. Ao falar em “espírito alemão” Nietzsche procura demarcar a distinção existente entre o autêntico espírito da cultura alemã e o “espírito” vulgar emergente na suposta “cultura” de sua época. No caso específico da *Primeira intempestiva*, Nietzsche procura demonstrar que os êxitos obtidos na guerra em nada contribuiriam para o fortalecimento da cultura alemã e do espírito alemão. Para o filósofo, a “cultura” emergente na época da

discurso daqueles que confundiam vitória bélica e unificação política com vitória e superioridade cultural, Nietzsche afirma na *Primeira intempestiva*:

Esta ilusão é muito perigosa: e não, por ventura, porque seja uma ilusão, - pois há erros que são muito *salutares* [*Heilsamsten*] e *benéficos* [*Segensreichsten*] -, mas sim porque é capaz de transformar nossa vitória em uma derrota completa: a derrota e até mesmo a extirpação do *espírito alemão* [*deutschen Geistes*] em proveito do *Império Alemão* [*deutschen Reiches*].³⁰

Apesar do militarismo de Bismarck ter sido capaz de impor um plano nacional comum à Alemanha recém-unificada, o filósofo demarca a distinção existente entre

unificação do Império e vitória bélica jamais poderia ser chamada de cultura. Como Nietzsche afirmaria anos mais tarde, ao comentar a *Primeira intempestiva* em *Ecce Homo*, a suposta “cultura” alemã da época não passaria de uma cultura “sem sentido, sem substância, sem meta: uma mera ‘opinião pública [*Öffentliche Meinung*]’”. (NIETZSCHE, Friedrich. “As extemporâneas”. In: *Ecce Homo*. Ed. Companhia das letras. Tradução de Paulo Cesar de Souza. P. 67). Vale ressaltar ainda que Nietzsche, enquanto autêntico filólogo e conhecedor profundo da tradição alemã, ao falar em espírito alemão, leva adiante considerações que estariam presentes e perpassariam toda tradição romântica alemã, desde Herder, Hamann e Goethe, até Schiller e Schopenhauer. Assim, ao falar em espírito alemão e frequentemente se valer de conceitos como *espírito* [*Geist*] e *povo* [*Volk*] alemão [*Deutsch*], Nietzsche traz consigo todo um universo de reflexão e problematização romântica, intimamente ligado ao conceito de *povo* [*Volk*].

³⁰ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. § 1. P. 28. No interior desta passagem - no trecho entre travessões - Nietzsche ressalta que existiriam erros que seriam benéficos à saúde de uma cultura. Esta ressalva se dá pela utilização dos termos *salutar* [*Heilsam*] e *benéfico* [*Segensreichein*]. Estes termos teriam, em língua alemã, um enraizamento religioso, e seriam derivados de termos como *Salvação* [*Heil*], *Santo* [*Heilig*], *Abençoado* [*segensreich*], e, *Benção* [*Segen*]. Ao valer-se de termos que possuiriam uma origem religiosa para salientar a importância do erro e da ilusão no interior de uma cultura, Nietzsche demonstra de modo implícito sua oposição, já presente em *O nascimento da tragédia*, em relação ao impulso desmedido de conhecimento científico que caracterizaria a cultura moderna. Se Nietzsche retoma de maneira sutil, na passagem citada acima no corpo do texto, termos de origem religiosa, ele o faz para demarcar sua oposição à cultura erigida sob o viés otimista e cientificista que caracterizaria toda a modernidade. Ao sinalizar para os benefícios dos erros e das ilusões, Nietzsche tanto valorizaria os aspectos salutares da mentira quanto se oporia ao anseio de verdade pelo viés da racionalidade que caracterizaria toda a tradição filosófica. Todavia, vale ressaltar que ao se valer de termos religiosos para fazer oposição ao cientificismo, o filósofo, de maneira sutil e implícita, não deixa de ressaltar o aspecto inventivo, ficcional, perspectivista e, portanto, artístico contido na religiosidade. Isto é, ao valer-se de termos religiosos para opor-se ao cientificismo, Nietzsche se vale de uma perspectiva estética, e assim demonstra a impossibilidade de se erigir uma verdade, seja no universo religioso ou científico. Se tudo se colocaria na óptica da arte, e seria erigido a partir da dissimulação, máscara e mentira, o filósofo não deixaria de sublinhar a importância de se questionar os valores atrelados a determinadas formas de vida. Deste modo, se existiriam erros benéficos à cultura, certamente estes erros não seriam aqueles difundidos no interior de uma cultura “fraca” e “sem substância”, que dissimuladamente confundia vitória cultural com vitória política e que imaginava o fortalecimento da cultura a partir da unificação territorial.

unidade cultural por um lado e uniformidade militarista por outro. Se o jovem Nietzsche se preocupa com o fortalecimento e unificação da cultura alemã, não seriam elementos derivados do militarismo, como padronização de necessidades e opiniões, que possibilitariam a unificação e fortalecimento da cultura.³¹ Seriam características como homogeneidade, disciplina militar, superioridade de comando, unidade e obediência das tropas, ou seja, elementos totalmente estranhos à cultura, que teriam vencido a batalha. Ao vincular unificação política e cultura, todas as sutilezas e peculiaridades inerentes ao campo da *cultura [Kultur]* acabariam por ser ignoradas e substituídas pelas necessidades impostas pelo *Império [Reich]*. Com isso, a própria cultura se colocaria a serviço do Império e perderia suas características de origem. Procurando evidenciar que características restritas ao campo bélico teriam vencido a batalha bélica travada contra a França, Nietzsche afirma:

Uma disciplina militar rigorosa, uma valentia e uma tenacidade naturais, uma superioridade de comandos, uma unidade e uma obediência entre os comandados, em suma, fatores que em nada tem a ver com a cultura são os que proporcionaram a vitória sobre adversários aos quais faltavam os mais importantes destes elementos.³²

Um excessivo dispêndio de energia dirigido exclusivamente ao poder, aos interesses políticos, financeiros e comerciais teria promovido tanto a ascensão do Estado e do mercado quanto a queda e o empobrecimento do espírito. Como afirma Nietzsche: “Apesar disso”, isto é, apesar da vitória bélica ter viabilizado a unificação do Estado nacional, “deve-se dizer: uma grande vitória é um grande perigo”³³, afinal, uma vitória no campo político poderia mascarar e mesmo promover a derrota da cultura e a “*extirpação do espírito alemão [exstirpation des deutschen Geistes]*”³⁴. Ao exaltar a vitória bélica e afirmar que a cultura também teria vencido a guerra contra a França, os alemães estariam colocando a cultura em situação de submissão aos interesses do Estado, e conseqüentemente mascarando a derrota do *espírito alemão [deutschen geistes]*.

³¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor. § 1*, p. 28.

³² NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor. § 1*, p. 28.

³³ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor. § 1*, p. 27.

³⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor. § 1*, p. 28.

Para Nietzsche, seria importante demarcar que somente o Estado teria vencido a guerra e não a cultura. Somente assim, isto é, estabelecendo as devidas distinções entre Estado e cultura, o filósofo teria condições de demonstrar os equívocos contidos na concepção de cultura da época e apresentar caminhos para que a cultura alemã recuperasse a sua vitalidade. Ao invés de privilegiar o florescimento do grande homem, autêntico representante do espírito alemão, o Império estaria transformando os indivíduos em meras ferramentas a serviço do Estado e do mercado. A cultura, a partir de agora regida por uma política massificadora voltada exclusivamente para fins pragmáticos e utilitários, teria se transformado em serva dos interesses do dinheiro e do Estado. Se o Estado recém-unificado se colocava como meta suprema da humanidade, e no interior desta grande meta transformava todos os indivíduos em servos deste Estado ideal, Nietzsche, ao escrever as intempestivas, requer o renascimento de uma cultura verdadeira no interior da qual o cultivo do espírito alemão, personificado na figura do grande indivíduo, apareceria como a mais sagrada meta e como o ponto mais elevado. Se o cultivo do espírito seria capaz de engendrar o grande homem e conseqüentemente revitalizar a cultura da época, a “proposta-imposta” militarista seria a de produzir homens medianos aptos ao trabalho, ao mercado e a se tornarem servos do Estado nacional recentemente consolidado, mas não em autênticos servos da cultura. Quando Nietzsche afirma que a vitória implicaria uma derrota, ele o faz por perceber que a cultura teria perdido a guerra. E não perdido a guerra para a França, mas sim para o próprio Império Alemão. Ao vencer a batalha franco-prussiana, o Estado alemão não teria somente vencido a França, mas também teria vencido a própria cultura alemã. É no interior desta perspectiva que o texto de juventude nietzschiano afirma que a vitória do Império implicaria a derrota do espírito, pois seriam interesses alheios à cultura que teriam motivado a guerra e a unificação do Império. Ao vencer a guerra, o Estado alemão estaria subjugando o próprio espírito alemão e transformando-o em servo dos interesses políticos e econômicos. Segundo Nietzsche, não seria em benefício deste espírito, único responsável pela geração da cultura, que o Império teria sido erigido. Se outrora o espírito alemão se fazia presente nas grandes obras de arte e autênticas filosofias, agora passava a ser dirigido pelos interesses utilitários do mercado e do Estado. Assim, ao contrário do que ocorria na modernidade, Nietzsche não estaria interessado em exaltar e glorificar a unificação do *Império Alemão*, mas procuraria problematizar as conseqüências desta unificação territorial e política. Ou seja, Nietzsche se preocupa com as implicações da unificação política no campo da cultura. Seria,

portanto, em benefício do autêntico espírito da cultura que Nietzsche criticaria a ausência de espírito que caracterizaria o “espírito da época”³⁵.

Ao menos inicialmente, Nietzsche teria se entusiasmado com o surgimento da guerra franco-prussiana. Já em 1866, ele apoiara o *Realpolitik* de Bismarck, demonstrando-se favorável à Prússia na guerra travada contra a Áustria e engajando-se no mesmo ano nas eleições locais para o parlamento. Tal apoio entusiástico se faria presente ainda no início da guerra franco-prussiana que estouraria em 1870. Este entusiasmo teria levado Nietzsche a se ausentar da ocupação de professor na Universidade da Basileia na Suíça para se dedicar à função de enfermeiro na guerra. Em oito de agosto de 1870, Nietzsche escreve ao senador Vischer, e solicita junto ao conselho de educação da Basileia a dispensa das atividades docentes para que possa servir à Alemanha na batalha franco-prussiana. “Diante da situação atual da Alemanha não lhe parecerá inesperada minha decisão de cumprir meus deveres com a pátria. Com esta decisão me dirijo ao senhor para solicitar junto ao ilustre conselho de educação, através de sua mediação, dispensa de trabalho para a última parte do semestre de verão.”³⁶ Já no primeiro dia de guerra, após obter a autorização do conselho de educação da Basileia para se ausentar das funções pedagógicas, Nietzsche escreve em carta enviada à mãe que “qualquer sacrifício seria necessário” para salvar a cultura alemã deste “maldito tigre francês”³⁷. Todavia, bem antes do término da guerra, em sete de novembro de 1870, Nietzsche veria com mais cautela a batalha franco-prussiana, e escreveria ao amigo Carl Von Gersdorff: “as condições iminentes da cultura me deixam preocupadíssimo. (...) Cá entre nós, considero a Prússia atual uma potência altamente perigosa para a cultura...”³⁸ E um mês depois, em dezembro de 1870, demonstrando seu crescente desprezo pela guerra, Nietzsche escreveria novamente à mãe, desta vez com uma postura muito diferente daquela presente na carta anterior: “Minha simpatia pela

³⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor. § 1*, p. 31.

³⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Carta de agosto de 1870*. APUD JANZ, Curt Paul. In: *Friedrich Nietzsche. 2 – Los diez años de Basilea (1869-1879)*. Versión española de Jacobo Muñoz e Isidoro Reguera, p. 86. Tradução própria.

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Carta de agosto 1870*. APUD PASCUAL, Andrés Sánchez. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*, p.295. Tradução própria.

³⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *Carta de novembro de 1870*. In: NIETZSCHE, Federico. *Obras completas V. Correspondência*, p. 499. Tradução própria.

atual guerra de conquistas alemã está diminuindo paulatinamente. O futuro da cultura alemã me parece mais ameaçado do que nunca.”³⁹

Vejamus que há uma mudança de perspectiva no interior do período de 1866 até 1870. O jovem Nietzsche teria inicialmente imaginado que a unificação dos trinta e nove estados germânicos independentes, promovida pelas forças militares prussianas e comandadas por Otto Von Bismarck, produziria um efeito benéfico para a cultura de seu tempo, pois, junto à unificação política viria, sobretudo, a unificação e fortalecimento da cultura. Acerca do apoio inicial de Nietzsche em relação à guerra, Rüdiger Safranski comenta: “Tudo deve ser subordinado à cultura. Isso também vale para a guerra franco-alemã, a que de início Nietzsche saúda. Faz isso por amor à cultura. Espera com ela uma renovação.”⁴⁰ A atenção nietzschiana, portanto, estaria voltada ao desenvolvimento e fortalecimento da cultura alemã, e não a uma política chauvinista que difundia o ódio aos franceses. Ao perceber que a guerra somente proporcionara a glorificação do Estado, o acúmulo material e o lucro financeiro, a arrogância do militarismo e a difusão de um grosseiro nacionalismo, Nietzsche deixa de ver com bons olhos a emergência do Estado nacional. Como afirma Safranski:

Não o motivavam o triunfo da Prússia e o nascimento de um estado nacional forte ou até o chauvinismo e ódio aos franceses. Quando começa a entrever que a vitória na guerra não ajuda à cultura, mas ao Estado, ao lucro financeiro e à arrogância militar, Nietzsche distancia-se.⁴¹

Veja-se então que ainda em 1870, em menos de três meses após o início da batalha franco-prussiana, Nietzsche reconhece que a esfera da cultura necessitaria de uma independência, liberdade e apoio que não seriam conquistados por intermédio da unificação política realizada pelo segundo Reich alemão. Portanto, somente se poderia falar em nacionalismo na obra do jovem Nietzsche se este nacionalismo fosse compreendido a partir dos interesses da cultura, a qual todas as instituições, incluindo o próprio Estado, estariam submetidas. Seria em comprometimento com a *cultura nacional [Kulturnation]* e não com o *Estado nacional [Staatsnationen]*⁴² que Nietzsche teria se posicionado favoravelmente à guerra. Portanto, estando a favor ou contra a

³⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Carta de novembro de 1870*. APUD SAFRANKI, Rüdiger. *Nietzsche*, p. 60.

⁴⁰ SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche*, p. 61.

⁴¹ SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche*, p. 61.

⁴² JÚNIOR, Ivo da Silva. *Em busca de um lugar ao sol. Nietzsche e a cultura alemã*, p. 67.

guerra, Nietzsche sempre teria procurado o fortalecimento da cultura. Seria em defesa dela e não em apoio à criação de um Estado absoluto, que a adesão inicial em relação à guerra teria ocorrido.⁴³

⁴³ Percebamos então que neste primeiro momento de produção filosófica de Nietzsche, o tema da cultura, ainda que vinculado a um nacionalismo, não estaria atrelado à política, mas sim, à ideia de uma nação alemã construída a partir de uma unidade cultural. Importante ressaltar esta distinção entre o campo da política e da cultura na obra do jovem Nietzsche para não se cair no erro muito comum, e altamente difundido ainda nos dias de hoje, que enxerga a obra nietzschiana, de modo enviesado e distorcido, como precursora do nacional-socialismo e do nazismo difundido na Alemanha. Esta tese que atrela a filosofia de Nietzsche ao nacionalismo e que vulgariza o conceito de *vontade de poder/vontade de potência [Wille zur macht]* presente na filosofia madura de Nietzsche, transformando-o em representação de uma ideologia política, seria fruto de um desconhecimento da filosofia nietzschiana. Antes disso, o conceito de *vontade de poder/vontade de potência [Wille zur macht]* que em certa medida estaria contido, ainda que embrionariamente e de uma maneira intuitiva, no conceito de *cultura [Kultur]* do jovem Nietzsche, se referiria à ideia de elevação do humano a partir de uma perspectiva existencial. A unidade cultural da qual fala o jovem Nietzsche se constrói pela ideia de elevação do espírito alemão, elevação esta que seria capaz de erigir uma unificação cultural sem promover a extirpação da cultura estrangeira. Além disso, são muitas as passagens dos textos em que o filósofo destaca o ambiente de disputa, de competição e de dinâmica entre os seres, que não prevê a eliminação do adversário. Em seu texto de juventude “A disputa/justa de Homero”, por exemplo, Nietzsche constrói uma noção de combate apoiada no conceito de *Ágon* e educação agônica presente no mundo grego. Nietzsche faz questão de ressaltar que no interior de um ambiente caracterizado por uma autêntica disputa, não haveria a eliminação do adversário, mas sim a elevação de ambos a partir do combate. Sem a disputa, o homem e a cultura definhariam. Segundo Nietzsche, os antigos teriam sido grandes não pela eliminação do adversário, mas sim, pelo combate permanente travado entre adversários. A cultura se elevaria no interior deste combate. Como diria Nietzsche: “É este o germe da noção helênica de disputa: ela detesta o domínio de um só e teme seus perigos (...)” (NIETZSCHE, Friedrich. “A disputa de Homero.” In: *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, p. 72). Assim, o conceito nietzschiano de disputa se referiria à ideia de autossuperação do humano, do indivíduo único e consequentemente da cultura sem a necessidade do exercício da tirania de um sobre outro. O próprio conceito de cultura presente na obra do jovem Nietzsche, ressalta a importância do jogo, do combate e rivalização de opostos sem a necessidade de eliminação do elemento antagônico. Se pensarmos no ambiente de tensão e eterna disputa existente entre os princípios estéticos do apolíneo e do dionísio apresentados por Nietzsche em *O nascimento da tragédia*, veremos que um permanente estado de tensão caracterizaria toda a filosofia de juventude nietzschiana. Neste sentido, poderíamos pensar a filosofia de Nietzsche como uma filosofia de antagonismos, no interior da qual o combate e disputa sempre estariam presentes. Como se não bastasse isso, a própria mudança ocorrida no conceito de cultura nietzschiano durante seu processo de amadurecimento, a saber, a passagem de cultura campanular para uma cultura aberta, desautorizaria a relação requerida por muitos, que insistiriam em vulgarizar o conceito de *vontade de poder/vontade de potência [Wille zur macht]*, transformando-o em um conceito de fundamentação de ideologia política. Neste sentido, poderíamos dizer que Nietzsche teria sido injustiçado por aqueles que o nomearam como filósofo do nacional-socialismo e do nazismo. A cultura que teria promovido a ascensão do nazismo teria sido justamente aquela falsa cultura que Nietzsche criticava já em 1873. Isto é, uma ideologia tirânica que buscaria a eliminação da dissonância e do elemento antagônico. A cultura de ideologia política é que teria subjugado a cultura autêntica e promovido a ascensão do nazismo. Desta forma, a ironia contida no interior desta nomeação de Nietzsche como filósofo do nazismo seria a de que ele teria sido tomado pela cultura alemã do início do século XX de forma parecida, ainda que em contextos e para interesses bem distintos, com a qual os alemães do XIX teriam tomado Goethe, Lessing,

Ao comentar o papel de submissão que o Estado ocuparia em relação à cultura no interior da obra de Nietzsche, Safranski afirma:

A meta superior de Nietzsche continua sendo com tudo isto o crescimento da cultura. Das três grandes forças do existir, como as definiu Burckhardt – Estado, religião e cultura -, a cultura é a mais importante para ele. Por ela tudo deve acontecer. Ela é o objetivo superior, e onde pensa ver uma subordinação da cultura aos objetivos do Estado ou da economia, ele fica indignado.⁴⁴

Seria neste sentido que Nietzsche se veria como intempestivo. Ele faria parte de um seletivo grupo formado por “raríssimos observadores”⁴⁵ que enxergaria na vitória bélica e unificação política uma derrota da cultura. Confundir vitória militar com vitória cultural, e afirmar que por intermédio da vitória política a cultura alemã teria saído vencedora da guerra, seria a prova de que os alemães não possuiriam cultura de fato. O filósofo afirma que se as características inerentes à *instrução [Belehrtheit]* militar fossem desconsideradas, jamais se poderia falar de vitória da *cultura [Kultur]* alemã contra a França. Como comenta Nietzsche: “Porém, em que sentido a cultura alemã pode ainda querer tornar-se vencedora, se dela fosse retirada a instrução alemã? Em nenhum, pois não tem nada a ver com a cultura as qualidades morais da dura disciplina, da silenciosa obediência;”⁴⁶ Ou seja, retiradas as máscaras e características exclusivas do campo bélico, a cultura alemã se apresentaria de fato como ela é, ou seja, uma cultura marcada pela infertilidade e por um imenso vazio interior, que estaria sendo preenchido desesperadamente por elementos estrangeiros.

Preocupa a Nietzsche este estado de falsificação da cultura presente na Alemanha, pois, além de não possuírem uma cultura original e serem amplamente influenciados pela cultura francesa, os alemães dissimulariam esta influência, e se considerariam um povo portador de uma autêntica cultura. O filósofo se preocupa com esta dissimulação, pois, segundo ele, dos elogios e mimos ilusórios dirigidos à falsa

Beethoven ou Schiller, ou seja, como ideais ou modelos que em nada se aparentavam, segundo o próprio Nietzsche, com a cultura que os idealizava. Os *filisteus da cultura [bildungphilister]* da década de 1870 exaltavam Goethe, Lessing ou Hölderlin, no entanto, por repousarem tranquilamente sobre eles, os desconheciam totalmente.

⁴⁴ SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche*, p. 60-61.

⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas*, 1. David Strauss, *El confesor y El escritor*. § 2, p. 34.

⁴⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas*, 1. David Strauss, *El confesor y El escritor*. § 1, p. 31.

cultura poderia surgir uma força capaz de extirpar o autêntico *espírito alemão*. Como afirma Nietzsche em relação aos perigos contidos na valorização da falsa cultura: “Deixe, contudo, crescer e se proliferar, mimando-a com a lisonjeira ilusão de que teria sido vitoriosa, então ela terá a força, como eu disse, para extirpar o espírito alemão.”⁴⁷ Prova disso seria a de que os alemães teriam vencido a batalha no campo bélico, mas permaneceriam imitando, de forma “desajeitada” e sem “nenhuma habilidade”, a cultura francesa.⁴⁸ Como afirma Nietzsche: “os franceses possuem uma cultura verdadeira e produtiva, a qual, independente do valor que tenha, nós continuamos imitando em tudo, e na maioria dos casos, de modo superficial e sem nenhuma habilidade.”⁴⁹

Um ano antes da publicação da *Primeira intempestiva*, entre janeiro e maio de 1872, Nietzsche profere uma série de *Cinco conferências*⁵⁰ públicas na Universidade da Basileia. Na *Segunda conferência* o filósofo critica a situação de vulgarização e dissimulação cultural que caracterizaria a Alemanha da época. A imitação vulgar da cultura francesa demonstraria a “falta de talento e gosto” que caracterizaria a cultura alemã moderna. Como afirma Nietzsche: “Aqui exerce a influência mais forte da ‘civilização’ dos franceses, cujos fundamentos são completamente antigermânicos, civilização que é imitada sem talento e com gosto pouco profundo, e que, por causa desta imitação, dá uma forma falsa à sociedade, à imprensa, à arte e ao estilo dos alemães.”⁵¹ Ainda na *Segunda conferencia* Nietzsche afirma:

Com esta cultura chamada alemã, mas no fundo despida de qualquer originalidade, os alemães não podem prometer qualquer triunfo; os franceses e os italianos lhes farão ficar envergonhados com esta cultura e, caso se trate de imitar uma cultura estrangeira, os russos, mais do que todos, os farão parecer ridículos⁵².

⁴⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. § 1, p. 28.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. § 2, p. 32.

⁵⁰ NIETZSCHE, Friedrich. “Cinco conferencias”. In: *Obras completas V. El origen de La tragedia y obras postumas de 1869 a 1873*. Traducción Eduardo Ovejero y Maury y Felipe Gonzales Vicen.

⁵¹ NIETZSCHE, Friedrich. “Segunda conferencia. 6 de febrero de 1872.” In: *Obras completas V. El origen de La tragedia y obras postumas de 1869 a 1873*. Traducción Eduardo Ovejero y Maury y Felipe Gonzales Vicen, p. 162. Tradução própria.

⁵² NIETZSCHE, Friedrich. “Segunda conferencia. 6 de febrero de 1872.” In: *Obras completas V. El origen de La tragedia y obras postumas de 1869 a 1873*. Traducción Eduardo Ovejero y Maury y Felipe Gonzales Vicen, p. 162. Tradução própria.

E mesmo na *Primeira intempestiva*, o filósofo não deixa de demonstrar a forte influência que a cultura francesa exerceria na Alemanha de sua época:

Mesmo que tivéssemos realmente deixado de imitar os franceses, nem por isso os teríamos vencido, mas apenas nos livrado deles: somente seria permitido falar de um triunfo da cultura alemã se nós tivéssemos também imposto a eles uma cultura alemã original. Entretanto, nós observamos que, tanto agora como antes, dependemos de Paris em todos os assuntos relativos à forma – e temos de depender: pois até agora não existe nenhuma cultura alemã original.⁵³

Neste sentido, o que incomodaria a Nietzsche não seria a autenticidade e vigor correntes entre os franceses, mas sim o *espírito* não seletivo do alemão, ou melhor, a ausência de *espírito alemão* que, incapaz de filtrar ou dar forma ao conhecimento adquirido, teria transformado a Alemanha em uma imitação desajeitada e vulgar de culturas estrangeiras. Ressaltemos então que Nietzsche não estaria propondo a difusão do ódio aos franceses. Postura esta muito comum entre seus contemporâneos. Ao contrário disso, Nietzsche estaria rechaçando a própria cultura alemã. Ele não estaria propondo um combate entre cultura francesa e cultura alemã como parecia ocorrer entre os espíritos da época. Mas sim um combate entre verdadeira e falsa cultura no interior da própria Alemanha. Portanto, o filósofo faria oposição ao “inimigo interno”⁵⁴, seus ataques se dirigiriam à falsa cultura emergente no interior da Alemanha, e não à vitalidade inerente à cultura francesa. Ao acusar a cultura alemã de não ser expressão autêntica de uma verdadeira cultura, Nietzsche não estaria propondo o extermínio da cultura francesa, mas sim requerendo a emergência de um *espírito alemão* capaz de evitar o domínio hegemônico da cultura francesa sobre a Alemanha. Como veremos adiante, não se trataria de eliminar o elemento estrangeiro, mas de ter a força capaz de absorver o elemento externo para, a partir daí, gerar seus próprios frutos. Conhecer para criar, dominar a arte de “aprender dando frutos” seria a proposta da filosofia nietzschiana.⁵⁵ Além disso, durante todo o período de produção intelectual do filósofo

⁵³ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. § 1, p. 32-33.

⁵⁴ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. § 1, p. 29.

⁵⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na idade trágica dos gregos*. Edições 70. Lisboa. Portugal.

encontraremos elogios aos franceses. Em *Ecce Homo*, por exemplo, obra escrita em 1888, Nietzsche assim se refere à cultura francesa:

Creio apenas na cultura francesa e vejo como um mal-entendido tudo o mais que se denomina ‘cultura’ na Europa, para não falar da cultura alemã... Os poucos casos de alta cultura com que deparei na Alemanha eram de procedência francesa, acima de tudo frau Cosima Wagner, de longe a primeira voz em questões de gosto que jamais ouvi.⁵⁶

Portanto, o que incomodaria a Nietzsche seria tanto a dissimulação cultural corrente entre os alemães, quanto a ausência de espírito, a falta de seletividade e de força capaz de valer-se da multiplicidade de conhecimentos adquiridos, e das diversas influências externas, de uma maneira benéfica e saudável para a cultura. Pela superficialidade que lhe seria característica, a “cultura” alemã moderna seria incapaz de “amarrar” estes diversos e espalhados saberes no interior de uma perspectiva de conjunto. Diante da incapacidade para criar uma cultura autêntica, os alemães estariam se valendo da cultura francesa para esconder o vazio cultural que caracterizaria a Alemanha recém-unificada.

Nietzsche reconhece que a unificação do Estado teria produzido efeitos maléficos para a cultura, pois o nacionalismo emergente e a vitória no campo bélico estariam mascarando a ausência de cultura que caracterizaria a Alemanha recém-unificada. Os alemães não possuiriam cultura e ainda assim afirmariam que o “tumulto de todos os estilos” que caracterizaria a “cultura” alemã da época teria vencido a guerra travada contra a cultura francesa. Seria neste sentido que Nietzsche criticaria a ausência de espírito corrente entre os alemães e afirmaria que a vitória bélica implicaria uma derrota no campo da cultura, pois o único vencedor neste caso seria o Império alemão e não a cultura ou o espírito alemão. Em detrimento do espírito erigia-se um Império. Por mais que se quisesse mascarar a dependência cultural estrangeira que caracterizaria a Alemanha naquele momento, bastaria, segundo Nietzsche, que os hábitos e costumes dos alemães fossem analisados para que se percebesse a ausência de cultura que caracterizaria a Alemanha da época. Da mesma forma que Esparta não teria se sobreposto culturalmente à Atenas ao vencer uma longa guerra, não se poderia dizer que, pelo fato de ter saído vencedora em uma batalha travada exclusivamente no campo

⁵⁶ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Ed. Companhia das letras. Tradução de Paulo Cesar de Souza. P.41.

bélico e político, a cultura alemã teria vencido a cultura francesa. Longe de possuírem uma cultura genuína, os alemães não passariam de uma imitação grosseira e desajeitada dos franceses. Ao abandonar o cultivo das peculiaridades e sutilezas inerentes ao *espírito alemão*, o Estado transformava a cultura alemã em ferramenta a serviço dos interesses do mercado por um lado e em imitação de culturas estrangeiras por outro. Nietzsche ressalta os perigos contidos tanto na “proposta-imposta” pelo Estado, que previa a uniformização da “formação” do humano, quanto nas ideias daqueles que afirmavam que no interior desta nova cultura e nova formação se encontraria o mais alto valor. Neste sentido, Nietzsche se encontraria diante de um impasse, pois, de um lado veria o fortalecimento de um estado nacional que propunha uma unidade cultural a partir de um nivelamento instrumental dos indivíduos, e por outro uma falsa cultura oportunista que na ânsia de continuar existindo se maquiava com elementos de culturas estrangeiras, prioritariamente da cultura francesa. Ou seja, a Alemanha da década de setenta seria uma mistura derivada de uniformidade de nivelamento cultural por um lado e desordem e emaranhado dos mais diferentes estilos de cultura por outro. O Estado propunha uma “formação-instrução” capaz apenas de fortalecer a si mesmo e aos interesses do dinheiro, e a “cultura” fraca existente, renderia elogios à proposta de uniformização e continuaria a se alimentar dos dejetos das mais diferentes culturas externas.

Todavia, ainda que soterrado pelo emaranhado de elementos externos que caracterizariam a Alemanha da época por um lado, e se mantendo a serviço do Estado por outro, seria necessário que o valente “espírito alemão” adotasse uma postura combativa em relação aos valores modernos. Por intermédio deste combate encontraria sua via de salvação em uma época mais pura. Como Nietzsche afirma em sua *Tercera conferencia* ministrada em vinte e sete de fevereiro na Basileia:

Novo fenômeno! O Estado, estrela da cultura! Entretanto, uma coisa me consola: este espírito alemão, o qual tanto se combate, ao qual se quer substituir por um vigário vestido de diferentes cores, este espírito é valente: entrará triunfante em uma era mais nobre e pura, e quando alcançar o triunfo guardará certo sentimento de compaixão em relação ao Estado (...).⁵⁷

⁵⁷ NIETZSCHE, Friedrich. “Tercera conferencia. 27 de febrero de 1872.” In: *Obras completas V. El origen de La tragedia y obras postumas de 1869 a 1873*. Traducción Eduardo Ovejero y Maury y Felipe Gonzales Vicen, p. 171. Tradução própria.

Para que este espírito alemão de fato surgisse seria preciso “amá-lo de tal modo” que não se envergonhasse “de seu aspecto deformado”, e seria “preciso também não confundi-lo com isso que hoje se denomina a presente cultura alemã. O espírito alemão, no fundo, é inimigo dela.”⁵⁸ Assim, apesar da preocupação evidente com os caminhos que o *espírito alemão* percorreria com a consolidação do novo Estado nacional, esta nova “estrela-guia da cultura”, e de seus fortes combates à cultura da época, Nietzsche se mantém confiante em relação à força e valentia deste espírito alemão. Ainda que o Estado e suas instituições estivessem paulatinamente militando contra o espírito alemão, Nietzsche reconhece na vivência de determinados espíritos intempestivos, uma força e dureza capaz de saltar a ambiência vulgar que caracterizaria a Alemanha moderna. Seria assim que Nietzsche construiria seu discurso juvenil e se veria como intempestivo. Tanto as *intempestivas* quanto as *conferências* e mesmo *O nascimento da tragédia* seriam frutos de uma análise profunda da cultura, que procuraria tanto demonstrar o estado de empobrecimento cultural que caracterizaria a modernidade quanto oferecer caminhos capazes de viabilizar o renascimento de uma cultura autêntica no interior da Alemanha da época. Neste sentido, a intempestividade de Nietzsche se desenvolveria tanto pelo seu aspecto de crítica quanto pelo seu aspecto de esperança no renascimento de uma cultura verdadeira. Encontraríamos uma espécie de “não” e “sim” simultâneos na obra de juventude de Nietzsche. Um “não” em relação ao *filisteísmo cultural* da época, mas também um “sim” em relação à possibilidade de renascimento de uma cultura autêntica a partir do *espírito alemão*. Esta postura requereria tanto uma crítica da época quanto o oferecimento de possibilidades de superação do estado de mediocridade que caracterizaria o tempo presente.

Assim, pelo que ficou demonstrado, segundo Nietzsche, jamais se poderia falar em vitória cultural alemã no período de pós-vitória bélica. Apenas o Império alemão teria vencido a guerra. A suposta “cultura” vitoriosa da época somente existiria enquanto “devota” do Estado nacional. Diante da incapacidade para se tornar uma cultura autêntica e autônoma, a Alemanha moderna teria se mascarado de elementos estrangeiros. Todavia, por não admitir a influência determinante que a cultura francesa exerceria no interior da Alemanha “vitoriosa”, os alemães dissimulariam esta influência, e com isto se tornavam caricatura, cópia mal feita dos franceses e em última instância “uma sobreposição grotesca de todos os estilos possíveis.”⁵⁹ Não possuiriam cultura e ainda a degradariam através dos elogios dirigidos aos falsos ídolos.

⁵⁸ NIETZSCHE, Friedrich. “Segunda conferência. 6 de febrero de 1872.” In: *Obras completas V. El origen de La tragedia y obras postumas de 1869 a 1873*. Traducción Eduardo Ovejero y Maury y Felipe Gonzales Vicen, p. 162. Tradução própria.

⁵⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Consideraciones intempestivas, 1. David Strauss: El confesor y El escritor*. §1. P. 32.

Referências bibliográficas:

JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche 2-Los diez años de Basilea*. Version espanhola de Jacobo Munhoz e Isidoro Reguera. Alianza Editorial, 1981.

_____. *Friedrich Nietzsche 2-Los diez años de Filósofo errante*. Version espanhola de Jacobo munhoz e Isidoro Reguera. Alianza Editorial, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Briefe* (KSB). hrsg. v. G. Colli u. M. Montinari. Berlim; Nova York; Munique: Walter de Gruyter, 1986.

_____. *Sämtliche Werke* (KSA). hrsg. v. G. Colli e M. Montinari. Berlim; Nova York; Munique: Walter de Gruyter, 1988.

_____. *Considerazioni inattuali. David Strauus. L'uomo di fede e lo scrittore*. Traduzione di Mirella Ulivieri. Grandi Tascabili Economici Newton editori. Prima edizione: gennaio 1997.

_____. *Consideraciones intempestivas, I. David Strauss, el confesor y el escritor (y fragmentos póstumos)*. Traducción Andrés Sánchez Pascual. Ed. Cast.: Alianza editorial, S.A., Madrid, 2006.

_____. *Considerazioni inattuali. Schopenhauer come educatore*. Traduzione di Matilde de Pasquale. Grandi Tascabili Economici Newton editori. Prima edizione: gennaio 1997.

_____. *Obras completas V. El origen de la tragédia y obras póstumas de 1869 a 1873*. Traducción Eduardo Ovejero y Maury y Felipe Gonzalez Vicen. Aguilar, Buenos Aires, 1963.

_____. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

_____. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*. Tradução de Maria Inês Madeira de Andrade. Lisboa, Edições 70, 2002.

_____. *Ecce Homo*. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2008.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche*. Tradução de Lya Luft. Geração editorial, 2012.

SILVA JÚNIOR, Ivo da. *Em busca de um lugar ao sol: Nietzsche e a cultura alemã*. Editora Unijuí, 2007